

Villares diz que credor deseja renegociar com próximo Governo

São Paulo — José Carlos Brasil

São Paulo. — A intenção do Brasil de reescalonar sua dívida externa tem boa receptividade entre os banqueiros internacionais que, entretanto, não querem a renegociação "sem o comprometimento do próximo Governo brasileiro", alertou o empresário Paulo Villares, presidente do Grupo Villares e conselheiro do Chase Manhattan, o terceiro maior banco norteamericano.

Ao retornar de uma viagem aos Estados Unidos, Paulo Villares afirmou que, com a renegociação da dívida externa, o Brasil poderá colocar sua economia interna em desenvolvimento, "com o aproveitamento de todo o potencial humano e de matérias-primas de que dispõe". Mas advertiu que "antes que se defina o próximo Governo é muito difícil haver um acordo sobre renegociação, o que não significa que não possam ocorrer entendimentos nesse meio tempo".

Em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, o empresário anunciou a disposição do Grupo Villares de se concentrar no desenvolvimento de alta tecnologia, podendo chegar a produzir um robô. Analisou, ainda, a desvinculação da Vibasa — Villares Industrias de Base S.A. das Industrias Villares e da Aços Villares, o que já está permitindo à Aços Villares operar com lucratividade.

"O pior já passou"

No escritório central de administração do Grupo Villares, em Interlagos, Paulo Villares assegurou: "A economia hoje está melhor. O pior já passou, principalmente como consequência das exportações feitas pelas indústrias e devido ao desenvolvimento da agricultura. O crescimento agrícola teve reflexos benéficos na indústria de máquinas e equipamentos e de caminhões. Chegou a hora de renovar a frota de caminhões do país. Essa renovação da frota é importante para os fabricantes de aços especiais, pois um caminhão consome 10 vezes mais aço especial do que um automóvel".

O empresário condenou as práticas protecionistas de Estados Unidos e Europa em relação a produtos brasileiros. Destacou que, diante de acusações de prática de manobras irregulares, "não se consegue negociar ou mostrar o que de fato está ocorrendo". E acrescentou: "Somos acusados, sem possibilidade de defesa."

Segundo Paulo Villares, o parque industrial brasileiro, em geral, é "muito moderno", mas os investimentos na automação de linhas de produção só estão sendo realizados por quem exporta:

— Investe quem pode e, hoje, só pode quem exporta. A indústria que não está exportando ficará para trás — ressaltou.

Através da Eletrocontrole Villares, o Grupo Villares está produzindo sistemas de automação de linhas industriais e poderá produzir robôs, segundo o empresário, se o mercado necessitar. "O robô nada mais é do que um artefato mecânico com um computador atrás. E já temos experiência na linha de automação", observou.

— Um exemplo disso é o forno da Aços Villares, que é de indução e tem capacidade de transmitir ao metal que está produzindo a temperatura ideal. É tudo automatizado. É o forno de indução mais moderno do Ocidente — assegurou.

O empresário justificou a venda da Vicsa-Villares Componentes Automotivos S.A. para a Cofab, como consequência da decisão do grupo de se concentrar no desenvolvimento de tecnologias mais avançadas, "o que atinge a totalidade das empresas que fazem parte do grupo hoje".

Exportação

Paulo Villares revelou que as vendas externas do grupo este ano serão bem superiores aos 67 milhões de dólares de



Paulo Villares acredita que o pior já passou

1983, mas não adiantou sua previsão de crescimento.

— Na área de elevadores, as Industrias Villares estão exportando componentes. A indústria de elevadores está buscando a racionalização na sua produção. A Otis e a Westinghouse diminuíram sua produção e estão comprando componentes no exterior. Aí é que levamos vantagem porque, no dia em que o dólar estiver menos forte, eles sabem que vão ter dificuldade de comprar do Japão ou da Europa. Como a economia brasileira está alinhada com o dólar, eles continuarão comprando no país. Hoje, eles têm grande interesse em comprar do Brasil e ter o nosso país como fornecedor de componentes. Isso não vale só para componentes de elevadores, mas para tudo o que o Brasil exporta atualmente. É uma coisa que muita gente não se dá conta. Os planos de exportação para os Estados Unidos são duradouros — destacou.

Quanto às exportações de aços especiais, Paulo Villares informou: "Estamos exportando atualmente para 35 países. Deixamos de exportar para a China, mercado que atendemos por longo tempo, por causa do preço que é baixo. Estamos vendendo para a União Soviética, que paga melhor. O maior problema dos exportadores brasileiros está no frete. Algu-

mas exportações estando sendo feitas fora da Conferência de Frete, com afretamento de navios em conjunto com outras usinas ou através de trading companies que normalmente fazem isso. Além da dificuldade do frete, temos os preços dos serviços portuários, também elevados".

Segundo Paulo Villares, há também perspectiva de exportar laminadores e outros equipamentos para siderurgia para os Estados Unidos, onde há, atualmente, uma renovação do setor, com implantação de minissiderúrgicas.

Atuando no Brasil e em mais sete países, o Grupo Villares é formado pelas Industrias Villares, Eletrocontrole Villares, Aços Villares, Equipamentos Villares, Villares Overseas Corporation (nos Estados Unidos), Elevadores Atlas (no México), Ascensores Atlas (no Uruguai), Elevadores Atlas (na Colômbia); Industrias Villares (no Chile), Industrias Villares (no Paraguai) e Ascensores Villares (na Argentina).

O grupo tem hoje no país 16 mil funcionários, mas, se não houvesse a recessão econômica, segundo Paulo Villares, estaria com 25 mil empregados.